

**A presença da noite na literatura agrária romana: os casos do livro III das *Geórgicas* de Virgílio e do livro VI do *De re rustica* de Lúcio Júnio Moderato Columela**

*The presence of the night in Latin agrarian literature: the cases of Virgil's Georgics Book III and of Lucius Junius Moderatus Columella's De re rustica Book VI*

Matheus Trevizam

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.  
kukrix@ig.com.br

**Resumo:** Neste artigo, desejamos comentar algumas referências à noite e seus elementos no livro III das *Geórgicas* de Virgílio e no livro VI do *De re rustica* de Columela. Assim, elementos noturnos aparecem nas duas partes dessas obras, com o significado de uma porção da jornada diária ou como sinal da proximidade do homem rústico com a natureza. Mas Columela tende a concentrar-se no primeiro aspecto citado e a não ser tão imagético (nem mítico), enquanto Virgílio, por ocupar-se de uma obra de poesia, explora mais os possíveis efeitos de imaginação.

**Palavras-chave:** Virgílio; *Geórgicas*; Columela; poesia; tratado de agricultura; noite.<sup>1\*</sup>

---

<sup>1\*</sup> Agradeço a Roque Tumolo Neto pela leitura e sugestões ao resumo em inglês, bem como aos pareceristas anônimos de *Aletria* pela acolhida à ideia geral deste artigo e pelas pacientes e criteriosas sugestões de melhora e correção.

Abstract: In this paper we intend to comment some mentions of the night and its elements in Virgil's *Georgics* Book III and in Columella's *De re rustica* Book VI. Thus, night elements are seen in both sections of these literary works meaning a part of the daily routine or a sign of the rustic man's close relationship with nature. While Columella is inclined to focus on the first aspect mentioned, avoiding being so picturesque (or mythical), Virgil, occupying himself with a poetical work, explores more intensely some possible imaginative effects.

**Keywords:** Virgil; *Georgics*; Columella; poetry; agriculture treatise; night.

Recebido em 31 de janeiro de 2015.

Aprovado em 10 de junho de 2015.

## 1 Introdução

Os arraigados fundamentos campesinos<sup>2</sup> da cultura romana antiga refletiram-se, concretamente, na feitura de várias obras de “agronomia” pelos *auctores* do tempo, nas quais acabam por transparecer, com maior ou menor grau de rigor,<sup>3</sup> as formas de interação humana com o meio rural. Por “meio”, neste caso, desejamos aludir às condições complexas de estabelecimento da vida nos *fundi rustici* (“propriedades rurais”) dos romanos, pois que a ideia comporta, em nosso entender, não apenas a

---

<sup>2</sup>ROBERT. *Rome*, p. 125: De fait, pendant presque toute la romanité, il n'y eut guère d'économie qu'agricole./ ROBERT. *La vie à la campagne dans l'Antiquité romaine*, p. 17: En fait, écrire l'histoire de la campagne romaine, c'est aussi écrire l'histoire politique, économique, sociale, de la civilisation que cette terre a nourrie. Car l'homme qui possède la terre est d'abord un citoyen et l'importance de son bien garantit sa notoriété au sein de la cité. Un homme de bien, disait Caton, est d'abord «un bon agriculteur et un bon cultivateur». La terre confère un brevet de moralité et de vénéralité.

<sup>3</sup>Como demonstrado por mais de um crítico, há, por exemplo, grande “seletividade” temática e alguma imprecisão expositiva dos assuntos rurais nas *Geórgicas*. Cf. DALZELL. *The criticism of didactic poetry: essays on Lucretius, Virgil and Ovid*, p. 107 e THIBODEAU. *Playing the farmer: representations of rural life in Vergil's "Georgics"*, p. 38-73.

paisagem física (campos de cultivo, terrenos em declive ou montanhosos, florestas, pântanos...), mas ainda os diferentes seres animados a interagirem nesse universo (homens livres ou escravos, bichos e, pela compreensão antiga, deuses)<sup>4</sup> e as estações, ou outras formas naturais de percepção e contagem cronológica, no que têm de determinante sobre a rotina e as tarefas de todos os agricultores.

É justamente nessa face vinculada aos aspectos cronológicos da vida romana de ambientação camponesa que se insere um elemento como a noite, contraponto imediato do dia, período iluminado pela luz solar e, sobretudo, associável ao duro trabalho de animais e seres humanos. Ela por vezes corresponde à momentânea interrupção da maioria das atividades nos escritos agrários antigos, assim contribuindo para pontuar em alternância o ritmo dos labores dos camponeses:

Que seja o primeiro a levantar-se da cama e o último a ir para a cama. Que, antes, examine se a casa de campo está fechada, cada um se deita em seu lugar e os animais de carga têm forragem.<sup>5</sup>

Muitas coisas se passaram com mais sucesso precisamente numa noite gélida, ou quando a Estrela da manhã umedece as terras ao sol nascente. De noite as hastes ligeiras, de noite os prados secos são mais bem segados: a umidade aderente não falta às noites. E alguém fica em vigília perto de fogos noturnos de luz invernal e aguça fachos com ferro agudo.<sup>6</sup>

---

<sup>4</sup>O mundo dos camponeses romanos era, como acreditavam, povoado de seres sagrados dos mais diferentes tipos, os quais presidiam às atividades cotidianas favoravelmente, mas podiam vingar-se caso lesados ou apenas esquecidos (cf. *praelocutio* do livro I do *De re rustica* de Varrão de Reate, no qual ele invoca entre os dozes deuses rústicos de sua prece, com supostos fins apaziguadores, *Robigo*, misterioso ente espiritual tido como eficaz contra o mal da “ferrugem” dos cereais).

<sup>5</sup>CATÃO. *De agri cultura*, V: *Primus cubitu surgat, postremus cubitum eat. Prius uillam uideat clausa uti siet, et uti suo quisque loco cubet et uti iumenta pabulum habeant* (tradução nossa).

<sup>6</sup>VIRGÍLIO. *Geórgicas* I, 287-292: *Multa adeo gelida melius se nocte dedere./ aut cum sole nouo terras inrorat Eous./ Nocte leues melius stipulae, nocte arida prata/ tondentur; noctes lentus non deficit umor./ Et quidam seros hiberni ad luminis ignis/ peruigilat ferroque faces inspocat acuto.* (tradução nossa).

O primeiro excerto transcrito acima, em nossa tradução, corresponde a um trecho do *De agri cultura*, de Catão Censor (séc. III-II a.C.), no qual se oferecem certos preceitos a serem seguidos pelo *uilicus*, espécie de “administrador-chefe” do *fundus rusticus* na ausência do senhor das terras. Tais preceitos, como se nota, tendem a dar coordenadas para o correto começo e finalização da jornada de trabalho dessa personagem essencial da vida camponesa antiga, por exemplo, recomendando que, obviamente *à noite*, ele se recolha e repouse como os demais, mas apenas pelo tempo indispensável à recuperação de suas energias... Assim, esse trecho catoniano leva-nos a perceber uma atribuição de sentido “convencional” ao período noturno do dia, algo que não se verifica nos versos do livro I das *Geórgicas*, postos logo abaixo, como se nota: com efeito, neles o poeta recomenda como que a feitura de serões por diferentes indivíduos inseridos no contexto da lida agrária, a exemplo do trabalhador que prefere realizar a ceifa após o poente, ou do rústico ocupado em pequenas tarefas de “carpintaria”.

A recorrência mais ou menos frequente, em obras como as *Geórgicas* de Virgílio e o *De re rustica* de Lúcio Júnio Moderato Columela, os quais analisamos aqui parcialmente,<sup>7</sup> ao fator cronológico noturno corresponde também um signo irrefutável da proximidade do homem antigo com os ciclos e fenômenos da natureza. Desprovidos de meios artificiais tão desenvolvidos quanto os modernos – minuciosos cronômetros e radares, por exemplo – para orientar-se no tempo ou no espaço, os romanos daqueles tempos longínquos serviram-se funcionalmente, como outros povos,<sup>8</sup> da observação de astros e constelações<sup>9</sup> e da contagem de dias/sóis ou noites/luas para tais fins:

---

<sup>7</sup>Como anunciado no título do artigo, nosso *corpus* de análise há de restringir-se em seguida, quando mencionarmos as *Geórgicas*, ao livro III; quando tratamos do *De re rustica* de Columela, ao livro VI, pois são partes desses textos de agronomia com nexos temáticos próximos, em razão de sua abordagem comum do assunto da criação de animais/pecuária.

<sup>8</sup>GIORDANI. *História da Grécia*, p. 418: Desde épocas bem remotas, os gregos perscrutavam a abóboda celeste adquirindo conhecimentos elementares e bem inferiores aos já existentes entre as mais avançadas civilizações do Oriente. Homero menciona as Plêiades, as Híades, Oríon e a Grande Ursa. Hesíodo fala-nos dos trabalhos rurais regulados pelo nascer e pôr dos astros.

<sup>9</sup>COLUMELA. *De re rustica* I, *praelocutio* 22: *Siderum ortus et occasus memoria repletat, ne imbribus uentisque imminentibus opera incohet laboremque frustretur.* –

Além disso, tanto devemos observar as estrelas de Arcturo, os dias dos Cabritos e a Hidra brilhante quanto aqueles que experimentam o Ponto e os canais de Abidos abundante em ostras, levados para a pátria por mares encapelados. Quando Libra fizer iguais os dias e as horas de sono e já repartir o mundo pelo meio entre a luz e as sombras, exercitai, homens, os touros, plantai cevada nos campos até o último aguaceiro do solstício invernal; ainda é tempo de cobrir com terra um campo de linho e a papoula de Ceres, e logo inclinar-se aos arados enquanto o solo seco o permite, enquanto as nuvens hesitam.<sup>10</sup>

Nessa passagem, ainda do livro I das *Geórgicas*, divisamos o fator aludido de interação entre os seres humanos, postos diante de situações em que necessitam decidir e agir, e a natureza, que oferece àqueles capazes de ler seus sinais toda uma série de “pistas” para a correta ação. Isso se dá, como lemos acima, não só para os agricultores que conseguem “informar-se” do tempo de efetuar os plantios (da cevada ou outros itens) tendo como base os astros de Libra e o solstício, mas ainda com os marinheiros, que necessitam observar “as estrelas de Arcturo, os dias dos Cabritos e a Hidra brilhante”, a fim de se orientarem sobre o clima ou os pontos cardeais, quando em viagem pelas águas.<sup>11</sup> Note-se também, como aqui são mencionadas *estrelas e constelações* mais de

---

“Que se recorde do nascimento e do ocaso dos astros, para não começar os trabalhos na iminência de chuvas e ventos, e tornar vãos seus esforços” (tradução nossa).

<sup>10</sup>VIRGÍLIO. *Geórgicas* I, 204-214: *Praeterea tam sunt Arcturi sidera nobis/ Haedorumque dies seruandi et lucidus Anguis,/ quam quibus in patriam uentosa per aequora uectis/ Pontus et ostriferi fauces temptantur Abydi./ Libra dies somnique pares ubi fecerit horas/ et medium luci atque umbris iam diuidit orbem./ exercete, uiri, tauros, serite hordea campis/ usque sub extremum brumae intractabilis imbrem./ Nec non et lini segetem et Cereale papauer/ tempus humo tegere et iamdudum incumbere aratris,/ dum sicca tellure licet, dum nubila pendent* (tradução nossa).

<sup>11</sup>Na passagem, “dias dos Cabritos” indica o surgimento da constelação do Auriga, associada a chuvas e tempestades; a “Hidra” é a constelação chamada *Draco* em latim, a qual se prestava à indicação do polo norte [cf. VIRGIL. *Georgics*, p. 46-47 (comentário de R. A. B. Mynors ao poema)]. As “estrelas de Arcturo”, por outro lado, vinculam-se à constelação do Boieiro, a qual também se associava, do ponto de vista da orientação, ao norte, bem como, cronologicamente, ao outono (SARAIVA. *Novíssimo dicionário latino-português*, p. 99 e p. 154).

uma vez, que nesses casos se trata de sinais da natureza em nexos com a noite, pois elas são melhor observadas, obviamente, durante essa parte do ciclo temporal cotidiano.

A sequência das análises, no subitem do artigo que se prestará ao comentário dos temas noturnos no livro III das *Geórgicas* e no livro VI do *De re rustica* columeliano, permitirá divisar nesses textos maneiras semelhantes de atribuir sentidos à noite, entendendo-a como marcação cronológica para o descanso, ou a atividade de agentes rústicos quaisquer, ou como eventual indicador de “sintonia” entre os seres humanos e certos fenômenos da natureza.

## **2 O elemento noturno no livro III das *Geórgicas* de Virgílio e no livro VI do *De re rustica* de Lúcio Júnio Moderato Columela**

A título de uma sumária recapitulação, lembramos que as *Geórgicas*, obra que se situa no meio da carreira poética virgiliana, depois dos exercícios juvenis das *Églogas*, mas antes da *Eneida*, são um poema didático. Por “poema didático”, segundo definido por estudiosos como Peter Toohey e Katharina Volk,<sup>12</sup> devemos entender aquelas obras da Antiguidade greco-romana – como, além das *Geórgicas*, os *Trabalhos e os dias* de Hesíodo, o *De rerum natura* de Lucrécio e a *Arte de amar* de Ovídio, entre diversos exemplos possíveis – que têm como foco emissor das informações textuais/eu poético a figura de um “professor”; como receptor intratextual da mensagem, uma espécie de “aluno”; em geral, a intromissão de “painéis” mítico-narrativos em meio aos preceitos do *magister* (“professor”);<sup>13</sup> tendo em vista a majoritária recorrência, para sua escrita, aos versos hexâmetros datílicos, entre outros.

Os temas do “ensinamento” de Virgílio, especificamente nesse poema, são: no livro I, a agricultura, entendida como o plantio de grãos; no livro II, a arboricultura, com notório destaque para as videiras; no livro III, a pecuária de grandes (bois e cavalos) e pequenos animais (ovinos e caprinos); no livro IV, a apicultura, com importantes aproximações

---

<sup>12</sup>TOOHEY. *Epic lessons: an introduction to ancient didactic poetry*, p. 4/ VOLK. *The poetics of Latin didactic: Lucretius, Vergil, Ovid, Manilius*, p. 40-41.

<sup>13</sup>TOOHEY. *Epic lessons: an introduction to ancient didactic poetry*, p. 4: Included within the narrative are normally a number of illustrative panels. These are often based upon mythological themes.

entre a comunidade das abelhas e a própria espécie humana.<sup>14</sup> Quando mencionamos o livro III isoladamente, por outro lado, nota-se, depois de um longo e complexo proêmio do início, a nítida bipartição da sequência do texto entre duas partes distintas, as quais se separam por um novo “segundo proêmio” entre v. 284-294: assim, de v. 49 a 283, o poeta explica os processos necessários para a criação de bois e cavalos; mas entre v. 295 e 566 ele se desdobra, basicamente, nos preceitos sobre a criação de ovinos e caprinos.

A primeira ocorrência de um elemento em conexão com o tema da noite em *Geórgicas* III corresponde à passagem abaixo, de colorações claramente míticas:

Há, em torno dos bosques do Sílaro e do Alburno verdejante de azinheiras, voejando em grande quantidade, um inseto cujo nome latino é *asilus*, mas os gregos o traduziram chamando *oestrus*. Severo, ressoando asperamente, do qual rebanhos inteiros fogem espantados nas matas; o céu, atingido, as matas e as margens do seco Tanagro se enfurecem com os mugidos. Outrora Juno se vingou maldosamente com esse monstro, tendo preparado o flagelo para a novilha Ináquia. Também o afastarás (pois persegue com maior severidade em meio aos ardores) do gado prenhe, e apascentarás os rebanhos logo ao nascer do sol ou ao trazerem os astros a noite.<sup>15</sup>

<sup>14</sup>WILKINSON. *The “Georgics” of Virgil: a critical survey*, p. 104: Bees had kept alive the infant Jupiter with honey when he was concealed in the Dictean cave from the murderous designs of his father Saturn. The myth is an *aition* for the special favor he granted them as a reward, not any material reward, as in the various traditions, but something of far higher worth substituted by Virgil – *mores* unique in the animal kingdom. These comprise communism even of children, loyalty to their home, its laws and leaders, provision for the future, pooling of gains and division of labor, the duties of old and young; and next the activities of morning and evening, followed by uniform silence for rest at night (...).

<sup>15</sup>VIRGÍLIO. *Geórgicas* III, 146-156: *Est lucos Silari circa ilicibusque uirentem/ plurimus Alburnum uolitans, quoi nomen asilo/ Romanum est, oestrum Grai uertere uocantes,/ asper, acerba sonans, quo tota exterrita siluis/ diffugiunt armenta; furit mugitibus aether/ concussus siluaeque et sicci ripa Tanagri./ Hoc quondam monstro horribilis exercuit iras/ Inachiae Iuno pestem meditata iuuencae./ Hunc quoque (nam mediis feruoribus acrior instat)/ arcebis grauido pecori armentaque pasces/ sole recens orto aut noctem ducentibus astris* (tradução nossa).

Sob o pretexto de oferecer preceitos sobre os cuidados devidos às vacas grávidas, o poeta evoca mais um “monstro” (v. 152) a ameaçar a ordem duramente estabelecida pelo criador de animais no livro III das *Geórgicas*, diante de tantas ameaças naturais ou, talvez, sobrenaturais.<sup>16</sup> Trata-se do *asilus*, como nomeado em latim, o qual corresponderia a um tipo de tавão (ou moscardo) mais inclinado a ferrear suas vítimas, com grande tormento, sob tempo quente; esse foi, por sinal, um modo de a deusa Juno, ciumenta dos amores de Júpiter com Io, a filha de Ínaco, punir a jovem metamorfoseada em novilha pelo deus, que assim quisera, ironicamente, protegê-la da fúria da consorte traída.<sup>17</sup>

Nesse entorno compositivo, a menção aos “astros”, que indicam, com o “nascer do sol”, partes mais frescas do dia e propícias a fazer pastar as vacas sem infligir-lhes os sofrimentos da picada do *asilus*, corresponde a uma forma de aludir ao tempo/período correto para tais atividades rústicas, recorrendo ao elemento animado das estrelas, “portadoras” da noite (*ducentibus*, v. 156). Contrastivamente, a próxima passagem de *Geórgicas* III na qual encontraremos a referência à noite passa a revestir-se de colorações bastante negativas: referimo-nos ao trecho da narrativa do mito de Hero e Leandro, como sutilmente (sequer os nomes se citam!) evocado por Virgílio entre v. 258-263:

Que dizer do jovem em cuja medula o duro amor revolve um grande fogo? Decerto atravessa tarde, na noite escura, mares agitados por tempestades abruptas; sobre ele troveja a vasta porta do céu, reclamam-no os mares dilacerados pelos escolhos, os pais infelizes não o podem chamar de volta, nem a moça prestes a também morrer de uma morte cruel.<sup>18</sup>

<sup>16</sup>Seria o mal da Peste do *Noricum*, como descrita ao fecho de *Geórgicas* III, causado pela fúria de algum deus negligenciado ou ofendido por essa comunidade rural? Um ensaio de Harrison (*The Noric plague in Vergil's third "Georgic"*, p. 23 *et seq.*) conjectura que essa mortandade, tal como retratada pelo poeta, seria o resultado de uma espécie de vingança divina contra a comunidade de pastores envolvida, tornando-se indispensável, para a restauração da ordem em colapso, encontrar um modo correto de realizar o *piaculum*, ou sacrifício apaziguador.

<sup>17</sup>GRIMAL. *Dictionnaire de la mythologie grecque et romaine*, p. 231.

<sup>18</sup>VIRGÍLIO. *Geórgicas* III, 258-263: *Quid iuuenis, magnum cui uersat in ossibus ignem/ durus amor? Nempe abruptis turbata procellis/ nocte natat caeca serus freta; quem super ingens/ porta tonat caeli, et scopulis inlisa reclamant/ aequora; nec miseri possunt reuocare parentes/ nec moritura super crudeli funere uirgo* (tradução nossa).

Hero, segundo a lenda, era uma sacerdotisa de Afrodite separada do amante, o jovem Leandro, pelo estreito do Helesponto. Por isso, a cada noite, o moço, que não podia conter seu desejo de partilhar do leito da amada, atravessava a nado esse obstáculo geográfico que os dividia, demonstrando um ímpeto erótico verdadeiramente insaciável. Tais encontros continuaram a suceder até que, como nos relatam os versos transcritos, Leandro veio a se arriscar no mar em uma noite tempestuosa de inverno e mar agitado, quando, tendo-se apagado a luz do farol que seguia, desorientou-se em meio às ondas e veio a morrer afogado, para desespero de Hero – ela se suicidou na sequência dos eventos –<sup>19</sup> e dos pais do moço.

É importante entender que o que justifica contextualmente a inserção desse pequeno relato em *Geórgicas* III é o tema do recrudescimento por vezes irresistível do *Amor*, ou desejo sexual, sobre todas as espécies viventes, como os animais selvagens ou domésticos (tousos, éguas etc.) e os seres humanos. *Amor* em descontrole e morte, essa última personificada pela Peste do *Noricum* como descrita em fins do mesmo livro III, constituem, na verdade, duas diferentes configurações malignas das forças com que o *agricola* virgiliano tem de haver-se a fim de salvaguardar o *fundus rusticus* da destruição.<sup>20</sup> Isso significa que todo o pequeno “quadro” noturno pintado com tais cores para apresentar a perdição de um apaixonado Leandro, embora se furte, por seu próprio

---

<sup>19</sup>GRIMAL. *Dictionnaire de la mythologie grecque et romaine*, p. 255: Le lendemain, la mer rejeta son cadavre, au pied de la tour d’Héro. Celle-ci se précipita dans le vide, ne voulant pas survivre à son amant.

<sup>20</sup>TREVIZAM. Mal e violência nas “Geórgicas” de Virgílio, p. 212: Poderseia, pelo balanço do modo idealmente desejável de “negociação” do *rusticus* com *Amor*, imaginar que a busca do caminho do equilíbrio, ou seja, nem negando “Vênus” aos animais (como o sacrílego Glauco), nem deixandoos livres para darem vazão a seus instintos “eróticos” e, conseqüentemente, violentos, como no exemplo acima, corresponde à solução viável contra os males das grandes *forças cósmicas* a assolarem, por vezes, os campos. Assim, talvez, sem “ofender a Vênus”, por outro lado se evitaria a demasiada entrega dos recursos sob a responsabilidade humana nas mãos de um Nume tão impetuoso. Alguns claros dizeres sobre *durus Amor* (v. 259), no entanto, além da extensão, é óbvio, de seus domínios também sobre os homens (v. 244: *Amor omnibus idem* – “para todos é o mesmo o desejo”) e do que se dá, de maneira extrema, quando divisamos a brutalidade *cega* da Peste Nórica, convidamnos a refrear tamanha crença na capacidade de controle do *rusticus*.

caráter mítico de um “painel” narrativo, ao entorno imediato da vida no *fundus*, acaba harmonizado com a (pessimista) ideia virgiliana de que *Amor omnibus idem* (“o desejo é o mesmo para todos” – *Geórgicas* III, 244).

No interior da pequena “peça bucólica” que são os v. 322-338, encontramos novo emprego de um detalhe alusivo à chegada da noite, dessa vez compreendida como tempo de descanso – para homens e animais – na jornada diária, após as tarefas em nexa com o pastoreio das ovelhas:

Mas, na verdade, quando o verão alegre mandar um e outro rebanho para os bosques e prados atendendo ao chamado dos Zéfiro, dirigimo-nos aos campos frios com a primeira Estrela da manhã enquanto a manhã é nova, enquanto a relva alveja e o orvalho é agradabilíssimo para os animais sobre a erva tenra. Então, quando a hora quarta do dia provocar a sede e as cigarras estridentes fenderem os arvoredos com seu canto, mandarei que junto aos poços ou tanques profundos os rebanhos bebam a água que escorre em canais de azinheira; mas, em meio aos ardores, buscar um vale sombreado se em algum lugar um grande carvalho de Júpiter, de tronco antigo, projetar os ramos enormes ou se, em algum lugar, um bosque escuro, de azinheiras bastas, estender-se com sua sombra sagrada; então, de novo dar água límpida e de novo apascentar ao pôr-do-sol, quando Vésper frio abranda os ares, a lua orvalhada já restaura os bosques, as praias ecoam a alcione e os espinheiros o pintassilgo.<sup>21</sup>

<sup>21</sup>VIRGÍLIO. *Geórgicas* III, 322-338: *At uero Zephyris cum laeta uocantibus aestas/ in saltus utrumque gregem atque in pascua mittet,/ Luciferi primo cum sidere frigida rura/ carpamus, dum mane nouom, dum gramina canent/ et ros in tenera pecori gratissimus herba./ Inde, ubi quarta sitim caeli collegerit hora/ et cantu querulae rumpent arbusta cicadae,/ ad puteos aut alta greges ad stagna iubebo/ currentem ilignis potare canalibus undam;/ aestibus at mediis umbrosam exquirere uallem,/ sicubi magna Iouis antiquo robore quercus/ ingentis tendat ramos aut sicubi nigrum/ ilicibus crebris sacra nemus accubet umbra;/ tum tenuis dare rursus aquas et pascere rursus/ solis ad occasum, cum frigidus aera Vesper/ temperat, et saltus reficit iam roscida luna,/ litoraue alcyonen resonant, acalanthida dum* (tradução nossa).

Na verdade, temos acima a apresentação de toda a rotina de um rebanho e seu cuidador, a qual se inicia com a ida de todos para as pastagens frescas ainda bem cedo, quando desponta a “Estrela da manhã”, passa pelo recolhimento à sombra diante do calor escaldante do meio-dia e chega, enfim, ao término, com a vinda de “Vésper” e da “lua orvalhada”, os quais indicam, para o homem atento, a hora de apascentar uma última vez.<sup>22</sup> Faz-se importante notar, nesse trecho, em primeiro lugar a presença de vários signos da natureza (como a “Estrela da manhã” e “Vésper”, na verdade o mesmo astro – o planeta Vênus – conforme se divise no céu de manhã ou ao anoitecer) que se prestam, caso corretamente observados, a uma espécie de guia de ações para o *agricola* virgiliano, tipo humano em estreita conexão com o conjunto dos elementos rústicos a rodeá-lo.

Por outro lado, sob o ponto de vista das convenções literárias, ao demarcar claramente o início e o fim dessa “peça bucólica” pela menção ao começo do dia – surgimento da Estrela da manhã – e à sua derrocada – advento de Vésper e da lua –, o poeta de novo segue um *tópos* a que já obedecera, aproximadamente, na *Egloga* primeira (e em outras),<sup>23</sup> quando os pastores Títiro e Melibeu decidem recolher-se à morada desse último diante da aproximação da noite, indicada por belas imagens no texto,<sup>24</sup> e do próprio fim do poema.

Os próximos versos em que assistimos à entrada do tema noturno neste livro III das *Geórgicas*, nos quais notamos a proposição de duas diferentes digressões “etnográficas” por Virgílio, são os seguintes:

---

<sup>22</sup>Em *Geórgicas* III, 407 e III, 537-538, ainda, são apresentadas certas ameaças que, ocultando-se na sombra da noite, justificam animais e seus donos logo se resguardarem sob abrigo após o fim do pastoreio diário. São elas, respectivamente, um “ladrão noturno” (*nocturnum... furem*) e um “lobo noturno” (*lupus... nocturnus*).

<sup>23</sup>SALDAÑA; EZQUERRA. Garcilaso y los poetas latinos menores, p. 144: En las *Églogas* de Virgilio, el tema del atardecer en posición final no es todavía un recurso sistemático, pues sólo se conoce en cuatro de sus diez bucólicas, a saber *Ecl.* I (82-83), VI (85-86), IX (63) y X (77).

<sup>24</sup>VIRGÍLIO. *Bucólicas* I, 82-83: *Et iam summa procul uillarum culmina fumant,/ maioresque cadunt altis de montibus umbrae.* – “E já, ao longe, fumegam os topos dos telhados das moradas rústicas,/ e tombam maiores as sombras dos altos montes” (tradução nossa).

Por que a ti os pastores da Líbia, por que as pastagens em versos descreveria e as aldeias povoadas por poucas casas? Com frequência, de dia e de noite e por todo o mês sem interromper-se, pasta e segue o gado para desertos remotos sem nenhum abrigo: tanto de campo se descortina!<sup>25</sup>

Eles mesmos, em antros escavados sob a terra profunda, passam bons momentos em sossego, rolam carvalhos empilhados e olmos inteiros para os lares e entregam às chamas. Aqui passam a noite festejando, e, felizes, imitam o vinho com cerveja e com ácidas sorvas.<sup>26</sup>

No primeiro caso, o poeta evoca a rotina dos pastores da Líbia (tórrida região do norte africano) que têm existência nômade, por isso percorrendo enormes extensões de terra com seus rebanhos em busca de água e alimento. Essa contínua migração ocorre, lemos no próprio trecho citado, de forma quase ininterrupta, mesmo durante a noite (*diem noctemque*, v. 341), de modo que, semelhantemente a um excerto do livro I das *Geórgicas*, citado na introdução deste artigo (v. 287-292), Virgílio continua aqui uma inversão do que corresponderia ao “normal” – o descanso, ou cessar das atividades – durante o período noturno, no mundo dos camponeses ou pastores tematizados nesse poema. Em nítida contraposição, a digressão seguinte apresenta-nos a vida dos habitantes da Cítia em meio aos rigores perenes de um frio congelante no norte do mundo: ali, as roupas solidificam-se sobre os corpos (v. 363-364) e o vinho nos potes (v. 364); os animais entorpecidos ficam presos em blocos de neve e não conseguem oferecer resistência alguma aos caçadores (v. 368-375); os homens abrigam-se sob a terra da inclemência dos ventos, da neve, das temperaturas baixíssimas... É justo à parte de referência ao refúgio subterrâneo dos cílios que corresponde o pequeno excerto

<sup>25</sup>VIRGÍLIO. *Geórgicas* III, 339-343: *Quid tibi pastores Libyae, quid pascua uersu/ prosequar et raris habitata mapalia tectis?/ Saepe diem noctemque et totum ex ordine mensem/ pascitur itque pecus longa in deserta sine ullis/ hospitiiis: tantum campi iacet!* (tradução nossa). O todo dessa digressão se estende de v. 339 a v. 348.

<sup>26</sup>VIRGÍLIO. *Geórgicas* III, 376-380: *Ipsi in defossis specubus secreta sub alta/ otia agunt terra congestaque robora totasque/ aduoluerunt focis ulmos ignique dedere./ Hic noctem ludo ducunt et pocula laeti/ fermento atque acidis imitantur uitea sorbis* (tradução nossa). O todo dessa digressão se estende de v. 349 a v. 383.

supracitado, e nele entendemos que os “antros” onde eles se ocultam à noite são lugares razoavelmente confortáveis, contando com a luz e o calor das chamas, além de festejos, regados a cerveja (*fermento*, v. 380) e, de algum modo, “ácidas sorvas” (*acidis... sorbis, idem*).

Os três trechos seguintes nos quais ocorre a referência à noite, ou a seus elementos típicos, são v. 391-393,<sup>27</sup> v. 400-403<sup>28</sup> e v. 464-469.<sup>29</sup> No primeiro deles, fala-se de certa metamorfose do deus pastoril Pã em carneiro branco, para enganar e seduzir a lua, na verdade Diana, irmã de Apolo; no seguinte, opondo o dia da extração do leite à noite da fabricação do queijo (ou mesmo falando de uma ordenha noturna), Virgílio mais uma vez transforma o tempo das sombras em hora de trabalho para o camponês; no derradeiro, o fato de uma ovelha retirar-se sozinha do pasto, tarde da noite, é mais um sinal de que está doente e necessita ser tratada pelo pastor. Desse modo, a não ser pela recorrência à mitologia no primeiro caso, em que a noite, por sinal, é apenas evocada indiretamente através da menção à lua, os outros dois exemplos fazem-nos ver o emprego dessa parte do ciclo cotidiano, sobretudo, como tempo de inserção das atividades de homens (fabricantes de queijo ou ordenhadores) ou animais (a ovelha, vitimada por sintomas de algum mal).

<sup>27</sup>VIRGÍLIO. *Geórgicas* III, 391-393: *Munere sic niueo lanae, si credere dignum est,/ Pan deus Arcadiae captam te, Luna, fefellit/ in nemora alta uocans; nec tu aspernata uocantem.* – “Assim, se merece algum crédito, o deus Pã da Arcádia enganou-te seduzida, ó Lua, com o branco presente da lã e chamando aos fundos bosques; e tu não desprezaste quem chamava” (tradução nossa).

<sup>28</sup>VIRGÍLIO. *Geórgicas* III, 400-403: *Quod surgente die mulsero horisque diurnis,/ nocte premunt; quod iam tenebris et sole cadente,/ sub lucem exportant calathis (adit oppida pastor)/ aut parco sale contingunt hiemique reponunt.* – “O que ordenharam ao nascer do sol e durante o dia, pressionam de noite; o que já de noite e ao pôr-do-sol, no alvorecer transportam em cestos (o pastor vai às cidades), ou salpicam com pouco sal e reservam para o inverno” (tradução nossa).

<sup>29</sup>VIRGÍLIO. *Geórgicas* III, 464-469: *Quam procul aut molli succedere saepius umbrae/ uideris aut summas carpentem ignauius herbas/ extremamque sequi aut medio procumbere campo/ pascentem et serae solam decedere nocti,/ continuo culpam ferro compesce, priusquam/ dira per incautum serpant contagia uolgus.* – “Vendo alguma ao longe, ou que se aproxima com muita frequência da sombra suave, ou que come um tanto sem vontade as pontas da relva e segue por último, ou que se prostra no meio do campo ao pastar e, tarde da noite, retira-se sozinha, logo lhe reprime o mal a ferro, antes de o terrível contágio insinuar-se pelo rebanho desprevenido” (tradução nossa).

Sobre Columela (séc. I d.C.), por sua vez, inicialmente interessa lembrar que se trata do autor do mais extenso e detalhado texto “agronômico” que a Antiguidade nos legou:<sup>30</sup> de fato, ao longo de seus doze livros, o *De re rustica* cobre temas vinculados à agricultura ou à arboricultura (livros I a V), em passagem pelo árduo assunto da agrimensura, à pecuária e à *uillatica pastio*<sup>31</sup> (livros VI a VIII), à apicultura (livro IX), à horticultura (livro X), aos deveres do *uilicus* (livro XI) e aos da *uilica* (livro XII), sua companheira. Esse grande tratado não dispensa, ainda, ao lado do oferecimento de abundantes e detalhadas informações sobre tantos aspectos dos afazeres rústicos, algum grau de elaboração estilística, como ressaltado por Armendáriz em um seu trabalho introdutório sobre a obra do “agronomo” de Cádiz.<sup>32</sup> Além disso, o livro X de *De re rustica*, que cobre teoricamente o assunto do cultivo das plantas de jardim ou de horta, é ele próprio um pequeno poema didático, com influência nitidamente virgiliana.<sup>33</sup>

No livro VI, especificamente, sucedem-se os conselhos para os cuidados de tipos animais como os bois, os touros, as vacas, os novilhos, os cavalos e as mulas, sendo que tais preceitos, para essas espécies, cobrem com muita frequência os tópicos da alimentação, do treinamento e dos remédios, ou terapias para os doentes. As passagens em que o autor

<sup>30</sup>THIBODEAU. *Playing the farmer: representations of rural life in Vergil's "Georgics"*, p. 222: His twelve-book encyclopedia of agriculture is arguably the most intelligent and comprehensive ancient work on agronomy, and its preface constitutes a particularly clear statement of agrarian ideology.

<sup>31</sup>A expressão latina indica a criação de animais como peixes, aves e caracóis nas imediações da *uilla*, a casa-sede das antigas propriedades rurais romanas.

<sup>32</sup>ARMENDÁRIZ. *Agronomía y tradición clásica: Columela en España*, p. 32: La búsqueda constante de la *uariatio* en la sintaxis y el léxico, el gusto por la disposición simétrica, o mediante correlaciones, de los miembros de la frase o del período, la observancia, en fin, de las normas de la prosa métrica, configuran el estilo de Columela como una genuina muestra de la mejor latinidad argéntea.

<sup>33</sup>NOË. *Il progetto di Columella: profilo sociale, economico, culturale*, p. 162: Il decimo libro del *De re rustica*, l'ultimo del progetto iniziale, il *De cultu hortorum*, è in versi (430 esametri) e affronta un tema mai trattato prima così specificatamente. Ancora nella *praefatio* in prosa dello stesso libro Columella ricorda le insistenze di Silvino che l'hanno portato a completare le parti omesse da Virgilio nelle *Georgiche*, parti che lo stesso Virgilio lasciava da completare: *quas tamen et ipse Vergilius significauerat posteris se memorandas relinquere*.

evoca, de algum modo, assuntos em conexão com a noite ou, ao menos, a madrugada, são dadas abaixo:

Depois, quando capturares os novilhos, conduze-os ao curral e prende às estacas de modo a terem pouca liberdade e distarem um tanto no espaço entre si, para que, no embate, um não cause dano ao outro. Se forem violentos em demasia, deixa que por um dia e uma noite se enfureçam.<sup>34</sup>

Mas não adiantará que os animais se saciem de alimento se não se tomar todo o cuidado para que o corpo desfrute de saúde e conservem suas forças: um e outro objetivo são garantidos por uma beberagem dada com fartura por três dias, que se faz com pesos iguais de tremoço triturado e cipreste e, misturando com água, mantém-se por uma noite ao ar livre. Deve-se dá-la quatro vezes ao ano, no período final da primavera, do verão, do outono e do inverno.<sup>35</sup>

Ainda conhecemos o remédio poderoso da radícula a que os pastores chamam “pé-de-leão”. Ela nasce abundantemente nos montes dos marsos e é muito benéfica para todos os animais. Extrai-se com a mão esquerda antes do nascer do sol.<sup>36</sup>

---

<sup>34</sup>COLUMELA. *De re rustica* VI, II, 4: *Cum deinde buculos comprehenderit, perducito ad stabulum, et ad stipites religato ita, ut exiguum laxamenti habeant, distentque inter se aliquanto spatio, ne in colluctatione alter alteri noceat. Si nimis asperi erunt, patere unum diem noctemque desaeuiant* (tradução nossa).

<sup>35</sup>COLUMELA. *De re rustica* VI, IV, 1: *Sed non proderit cibis satiari pecora, nisi omnis adhibeatur diligentia, ut salubri sint corpore, uiresque conseruent: quae utraque custodiuntur large dato per triduum medicamento, quod componitur pari pondere triti lupini cupressique, et cum aqua nocte una sub diuo habetur; idque quater anno fieri debet ultimis temporibus ueris, aestatis autumnii, hiemis* (tradução nossa).

<sup>36</sup>COLUMELA. *De re rustica* VI, V, 3: *Praesens etiam remedium cognouimus radicae, quam pastores consiliginem uocant. Ea in Marsis montibus plurima nascitur, omnique pecori maxime est salutaris. Laeua manu effoditur ante solis ortum* (tradução nossa).

Alguns o mantêm fechado dentro de abrigo para que não possa pastar. Então, misturam quatro libras da parte superior do lentisco e do zambujeiro trituradas junto com uma libra de mel em um côngio de água, que mantêm por uma noite ao ar livre, e assim vertem pela garganta.<sup>37</sup>

Na verdade, quando o animal já se desenvolveu, castra-se com mais vantagem aos dois anos que com um. Preceitua fazê-la na primavera ou no outono, sob a lua minguante, e prender o novilho no aparelho; depois, antes de empregares o ferro, que prendas com duas ripas de madeira estreitas – semelhantes ao fórceps – os nervos dos testículos a que os gregos chamam *kremasthéres*, pois os genitais ficam dependurados neles.<sup>38</sup>

O primeiro excerto, como se nota, trata do amansamento dos novilhos, os quais, caso se excedam em fúria, devem ficar presos “por um dia e uma noite” a fim de extravasá-la em segurança; no segundo, é preciso esclarecer que a beberagem aconselhada, cujo preparo pressupõe o repouso dos ingredientes “por uma noite”, insere-se em contexto de preceituação veterinária para os bois; em VI, V, 3, a erva citada se apresenta como parte das medidas ditas eficazes contra a peste bovina; em VI, VI, 2, a terapia, ainda em vínculos com a espécie bovina, destina-se a curar a indigestão; o trecho final, derradeiramente, inicia as explicações de uma técnica de castração de novilhos com auxílio de uma espécie de “fórceps” para prender sua genitália.

Ora, nos quatro primeiros casos, sem qualquer menção mais concreta a estrelas, luas, orvalhos etc., o período noturno ou a madrugada prestam-se crua e funcionalmente a indicar temporalidades em uso para a realização das várias operações rústicas previstas. No último, sem que

<sup>37</sup>COLUMELA. *De re rustica* VI, VI, 2: *Quidam clausum intra tecta continent, ne pasci possit. Tum lentisci oleastrique cacuminum pondo IV, et libram mellis una trita permiscunt aquae congio, quam nocte una sub dio habent, atque ita faucibus infundunt* (tradução nossa).

<sup>38</sup>COLUMELA. *De re rustica* VI, XXVI, 2: *Nam, ubi iam induruit, melius bimus quam anniculus castratur. Idque facere uere uel autumnno luna decrescente praecipit, uitulumque ad machinam deligare: deinde prius quam ferrum admoueas, duabus angustis ligneis regulis ueluti forcipibus apprehendere testium neruos, quos Graeci “kremastêras” ab eo appellant, quod ex illis genitalis partes dependunt* (tradução nossa).

se mencione especificamente a noite como tempo mais apropriado para castrar os novilhos, há, ao menos, a inserção dos dados referentes às estações e à *lua* (minguante) para esse papel, de modo que certa presença de algo a lembrar sentidos noturnos acaba ocorrendo no trecho. Em evidente particularização dos parâmetros construtivos predominantes nesse verdadeiro tratado,<sup>39</sup> quando o cotejamos com a maior riqueza poética e de imagens das *Geórgicas*, como antes se expôs, note-se ainda que, em vez da exploração plena dos recursos imaginativos e sensoriais oferecidos por um polo temático tão promissor quanto a noite, Columela opta por concentrar as menções a essa ideia, ou ao(s) termo(s) que se lhe associa(m), em um uso mera e utilitariamente cronológico. Derradeiramente, o “rústico”<sup>40</sup> pressuposto por tais diretos preceitos columelianos não se mostra tanto aqui como quem fosse fino leitor dos menores sinais inscritos no “livro” da noite.

### 3 Conclusão sucinta

Os exemplos textuais acima apresentados com comentários, esperamos, devem ter bastado para fazer entender que o tema da noite e seus elementos naturais caracterizadores, como é o caso da lua e das estrelas, adentram com alguma importância o livro III das *Geórgicas* de Virgílio e o livro VI do *De re rustica* de Columela. Tal importância se deve, como explicamos, ao fato de essa parte do ciclo cotidiano ter muitas vezes correspondido, na ruralidade romana, a um “marcador temporal”

---

<sup>39</sup>TREVIZAM. *Prosa técnica: Catão, Varrão, Vitruvius e Columela*, p. 155-156: Por outro lado, em mostra da cultura geral do autor, perpassam as linhas desse texto, em princípio concentrado na descrição dos afazeres rurais, *com vistas à sua colocação em prática por donos de terras ou seus encarregados (“uilici”)* [grifo nosso], questões de alcance mais vasto do que os limites dos antigos *fundi rustici* dos latinos, a exemplo da filosofia, da religião, da sexualidade e das relações entre gêneros (masculino e feminino).

<sup>40</sup>Sendo ele, na verdade, culto a ponto de poder compreender esse autor que escreve em um latim com qualidades totalmente literárias [ARMENDÁRIZ. *Agronomía y tradición clásica: Columela en España*, p. 32-33: Plinio el Viejo y Paladio criticarán – con velada alusión a Columela – el uso de un estilo rebuscado cuando el tema y el destinatario de la obra requieren al contrario una exposición sencilla; y Casiodoro, en el umbral de la Edad Media, recomendará a sus monjes iletrados la absoluta claridad (*planissima lucidatio*) de Paladio, frente a un Columela difícil, más adecuado para las gentes cultivadas que para los ignorantes.].

imprescindível, por sua própria alternância com as horas iluminadas pela luz diurna, as quais, majoritária, mas não exclusivamente, prestavam-se aos inúmeros trabalhos ou ações de seres humanos e animais.

Além disso, algo que talvez falte a nós, cidadãos do século XXI, os antigos camponeses de Roma eram mais aptos a observar as constelações,<sup>41</sup> luas, ventos e outros sinais indicadores de mudanças relevantes para o desenrolar de suas tarefas produtivas. Tal saber, como exemplarmente ilustrado no trecho “bucólico” supracitado de *Geórgicas* III (v. 322-338), por vezes transparece nos demais escritos agrários antigos, propiciando a seus leitores, mesmo modernos, reminiscências de uma ligação com os elementos, é certo, bastante atenuada em algum ponto da história pelas vicissitudes da “civilização”.

Por fim, a evidente “secura” de emprego do tema noturno por Columela, em contraste com a maior exploração das possibilidades expressivas do assunto por Virgílio, na obra aqui em pauta, presta-se a ponto significativo para que possamos compreender as diferenças entre a assimilação do geral assunto agrário por um sistemático tratado ou por um especioso poema didático.<sup>42</sup>

## Referências

ARMENDÁRIZ, J. I. G. *Agronomía y tradición clásica: Columela en España*. Sevilla/Cádiz: Universidad de Sevilla/Universidad de Cádiz, 1995.

CATO; VARRO. *On agriculture*. With an English translation by W. D. Hooper, revised by H. B. Ash. Cambridge, Mass./London: Harvard University Press, 2006.

COLUMELLA. *On agriculture*. Vol. I: *Books 1-4*. With an English translation by H. B. Ash. Cambridge, Mass./London: Harvard University Press, 1941.

<sup>41</sup>VIRGIL. *Georgics*, p. 46-47 (comentário de R. A. B. Mynors ao poema).

<sup>42</sup>THIBODEAU. *Playing the farmer: representations of rural life in Vergil's "Georgics"*, p. 154: The language of the *Georgics* features a wide range of classic rhetorical figures, everything from anaphora to personification, which have the effect of amplifying its emotive force.

COLUMELLA. *On agriculture*. Vol. II: *Books 5-9*. With an English translation by E. S. Forster and E. H. Heffner. Cambridge, Mass./London: Harvard University Press, 1968a.

COLUMELLA. *On agriculture*. Vol. III: *Books 10-12; On trees*. With an English translation by E. S. Forster e E. H. Heffner. Cambridge, Mass./London: Harvard University Press, 1968b.

DALZELL, A. *The criticism of didactic poetry: essays on Lucretius, Virgil and Ovid*. Toronto/Buffalo/London: University of Toronto Press, 1996.

GIORDANI, M. C. *História da Grécia*. Petrópolis: Vozes, s.d.

GRIMAL, P. *Dictionnaire de la mythologie grecque et romaine*. Paris: Presses Universitaires de France, 1963.

HARRISON, E. L. The Noric plague in Vergil's third "Georgic". In: CAIRNS, F. (org.). *Papers of the Liverpool Latin seminar: vol. II*. Liverpool: F. Cairns, p. 1-65, 1979.

NOÈ, E. *Il progetto di Columella: profilo sociale, economico, culturale*. Como: New Press, 2002.

ROBERT, J.-N. *La vie à la campagne dans l'Antiquité romaine*. Paris: Les Belles Lettres, 1985.

ROBERT, J.-N. *Rome*. Paris: Les Belles Lettres, 2004.

SALDAÑA, M. V. G.; EZQUERRA, A. A. Garcilaso y los poetas latinos menores. In: de ENTERRÍA, M. C. G.; MESA, A. C. (Orgs.). *Actas del IV Congreso Internacional de la AISO*. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, 1998. Vol. 1, p. 153-162. Disponível em: [http://cvc.cervantes.es/literatura/aiso/pdf/04/aiso\\_4\\_1\\_011.pdf](http://cvc.cervantes.es/literatura/aiso/pdf/04/aiso_4_1_011.pdf). Acesso em: 30 jan.2015].

SARAIVA, F. R. S. *Novíssimo dicionário latino-português*. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Garnier, 1993.

THIBODEAU, P. *Playing the farmer: representations of rural life in Vergil's "Georgics"*. Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 2011.

TOOHEY, P. *Epic lessons: an introduction to ancient didactic poetry*. London/New York: Routledge, 1996.

TREVIZAM, M. Mal e violência nas "Geórgicas" de Virgílio. In: de OLIVEIRA, F.; SILVA, M. F.; BARBOSA, T. V. R. (Orgs.). *Violência e transgressão: uma trajetória da humanidade*. Coimbra/São Paulo: Universidade de Coimbra/Annablume, p. 189-229, 2014.

TREVIZAM, M. *Poesia didática: Virgílio, Ovídio e Lucrecio*. Campinas: Unicamp, 2014.

TREVIZAM, M. *Prosa técnica: Catão, Varrão, Vitruvius e Columela*. Campinas: Unicamp, 2014.

VARRÃO, M. T. *Das coisas do campo*. Trad., introdução e notas de Matheus Trevizam. Campinas: Unicamp, 2012.

VIRGIL. *Georgics*. With a commentary by R. A. B. Mynors. Oxford: Clarendon Press, 2003.

VIRGILE. *Bucoliques*. Texte établi et trad. par E. de Saint-Denis. Paris: Les Belles Lettres, 2002.

VIRGILE. *Géorgiques*. Texte trad. par E. de Saint-Denis; introd., notes et postface par J. Pigeaud. Paris: Les Belles Lettres, 1998.

VOLK, K. *The poetics of Latin didactic: Lucretius, Vergil, Ovid, Manilius*. New York: Oxford University Press, 2002.

WILKINSON, L. P. *The "Georgics" of Virgil: a critical survey*. Norman: Oklahoma University Press, 1997.